

ENCONTROS HABITABILIDADE DA TERRA
E TRANSIÇÕES JUSTAS

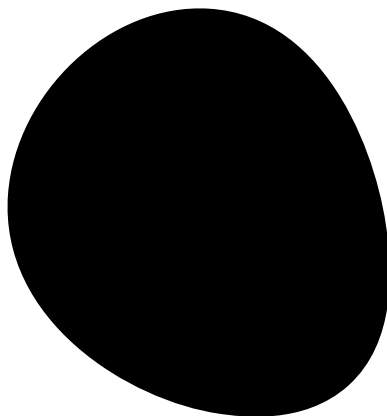
9-18 de setembro de 2026

Paris - La Grave

COORDENAÇÃO
NASTASSJA MARTIN



Diálogos interdisciplinares em torno das potências elementares



ALERTA DE TEMPESTADE

Nastassja Martin

Há alguns anos, ainda era possível considerar que os coletivos indígenas das zonas polares, entre outros, estavam na linha de frente das mudanças climáticas. Essa realidade diz respeito agora a todos nós. Aqui e em todos os lugares, as florestas queimam, as geleiras e as montanhas desabam, os rios alagam, os ventos se intensificam e o mar sobe. Os elementos se manifestam, e seus transbordamentos recolocam a questão existencial da habitabilidade da Terra. Como enfrentar a intensidade fora de controle dos grandes fluxos geofísicos? A habitabilidade impôs-se como um conceito chave que estrutura inúmeras pesquisas tanto nas ciências da Terra quanto nas ciências humanas. Sua força está em seu caráter transversal e polissêmico. Ele abre a possibilidade de abordar tanto das condições biogeoquímicas que mantêm a possibilidade da vida na

Terra, das questões de planejamento territorial e formas de vínculos afetivos e situados que nos conectam uns aos outros. Nesse sentido, poderia se tornar uma ferramenta diplomática a serviço de um projeto social e político, capaz articular as questões terrestres e territoriais. No entanto, compreender a habitabilidade de maneira aberta e plural continua sendo algo complexo.

Essa dificuldade está na história da criação do conceito, das pesquisas em exobiologia, que nos afastam da fragilidade da vida aqui e agora, à textura colonial que ele deixa transpassar desde o século XVI. Naquele momento, a pergunta literal que o conceito colocava (este território é habitável?) justificava tomadas de terra sempre que a resposta era positiva. A partir da perspectiva antropológica, também devemos estar atentos para que seu efeito de síntese generalizante não apague as perspectivas cosmopolíticas vindas da etnografia e dos discursos indígenas, que são retratadas, com frequência demais, como insuficientemente potentes e estáveis para deslocar as fronteiras que estruturam nossos regimes de conhecimento.

Foi para discutir essas questões que, no âmbito da cátedra CNRS *Habitabilité de la terre et transitions justes* [Habitabilidade da Terra e transições justas], realizamos três anos de seminários de pesquisa. Tratou-se de historicizar novamente os conceitos que estruturam as práticas modernas de monitoramento ambiental e de iniciar um processo de reformulação dos dispositivos políticos e empresariais voltados a encontrar soluções técnicas para as crises ecossistêmicas (transição energética, geoengenharia). Por fim, o terceiro e último ano de seminários abriu-se para a possibilidade de compreender

respostas cosmopolíticas. Nossa atenção se concentra nos modos de existência, passados e presentes, daqui e de outros lugares, que nos permitem variar nossos imaginários intelectuais e políticos e “deslocar do centro” as categorias conceituais com as quais habitualmente pensamos o mundo exterior. Da “paisagem” aos “recursos”, passando pela “natureza”, recentemente substituída pelo “vivo”, buscamos aqui não apenas reconhecer os dualismos persistentes que nos impedem de pensar de outro modo os movimentos dos grandes fluxos geofísicos, mas também tornar audíveis e visíveis outros modos de relação com aquilo que ultrapassa os limites da humanidade.

Dando continuidade a essas pesquisas, os encontros *Habitabilité de la Terre* [Habitabilidade da Terra] são concebidos como a abertura de um espaço de pensamento. Eles visam redefinir um campo teórico para trabalhar a habitabilidade para além do enquadramento naturalista moderno na qual foi aprisionada. Com esse aprisionamento, foram produzidas narrativas tanto uniformizadas quanto fundamentadas em uma ciência com epistemologia dominante que esmagou a diversidade dos coletivos e de suas histórias.

Nossa intenção é trabalhar coletivamente para a emergência de novas respostas, que passem por outras maneiras de pensar nossas relações com os seres e entidades que compõem nossos mundos e tornam nossos meios de vida habitáveis. Trata-se, a partir de uma perspectiva decididamente pluridisciplinar e cosmopolítica, de abrir um espaço de reformulação da cartografia sensível que orienta nossos pensamentos e ações diante das potências elementares que hoje se levantam.



NASTASSJA MARTIN é antropóloga, escritora e cineasta. Interessa-se pelas relações entre cosmologias indígenas, história colonial e crises sistêmicas em um contexto de desregulação climática. É autora de dois livros ensaísticos, *Les Âmes sauvages: Face à l'Occident, la résistance d'un peuple d'Alaska* (La Découverte, 2016); *À l'Est des rêves, réponses Even aux crises systémiques* (La Découverte, 2022), e de uma narrativa literária, *Croire aux Fauves* (Verticales, 2019) [Escute as feras, Editora 34, 2021]. Nastassja dirigiu dois documentários: *Kamtchatka, un hiver en pays Even; un été en pays Even* (52', ARTE) e um longa-metragem, *Tvaïan* (90', ARTE), a ser lançado. É titular da cátedra do CNRS Habitabilidade da Terra e transições justas, vinculada ao ISJPS (Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne e CNRS).



PROGRAMA

MUSEU DEPARTAMENTAL ALBERT KAHN

Musée Départemental Albert Kahn

2 Rue du Port, 92100

Boulogne-Billancourt

Inscrições

Informações práticas

Inscrição para as visitas-descobertas

9 de setembro de 2026

DE RECURSOS ÀS POTÊNCIAS ELEMENTARES:
REFORMULAR A QUESTÃO CLIMÁTICA

14h • Introdução

Nathalie Doury (diretora do Museu Albert Kahn)

14h30-15h30 • Conferência inaugural

Nastassja Martin (Antropóloga – ISJPS)

15h45-17h45 – Epistemologia crítica da habitabilidade nas geociências e nas ciências humanas - Mesa-redonda

Maya Leroy (responsável pela gestão do ambiente,
AgroParisTech)

Jérôme Gaillardet (geoquímico, Instituto de Física do
Globe de Paris)

Veronica Calvo (Antropóloga, IEA Nantes)

Martine Drozd (Geógrafa, MFO Oxford)

Mediação de Nastassja Martin

10 de setembro de 2026

ETNOGRAFIAS ELEMENTARES:
PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS E
COSMOPOLÍTICAS DOS FLUXOS GEOFÍSICOS

10h – Abertura do dia por Nastassja Martin

10h15-11h15 – Pensar com o fogo

Sasha Jurdant (doutora em filosofia, Universidade de
Toulouse – Le Mirail)

11h30-12h30 – Nhe'ẽry – Onde os espíritos se banham

Carlos Papá (Cineasta, coordenador da Escola Viva Guarani
Arandu Porã)

14h15-15h15 – Os Maias, a morte e as águas

Limiar e liminaridade em Palenque-Lakamha

Alizé Lacoste Jeanson (antropóloga, UNAM México)

15h30-16h30 – Pensar os fluxos na energia eólica: trabalho móvel e cosmologias do vento

Gaëlla Loiseau (antropóloga, pós-doutoranda ISJPS-
Sorbonne Paris 1)

16h45-17h45 – Da terra macia à Via Láctea: dinossauro com penas e ema gigante na Austrália

Barbara Glowczewski (antropóloga, pesquisadora emérita
do CNRS, LAS Paris)

11 de setembro de 2026

MEMÓRIAS VIVAS: INVENTAR DISPOSITIVOS
MUSEOLÓGICOS E INSTITUCIONAIS ALTERNATIVOS
PARA RESPONDER ÀS CRISES SISTÊMICAS

10h – Abertura do dia por Nastassja Martin

**10h15-12h – Entre memórias vivas e amnésias coletivas:
políticas de (re)animação dos objetos**

Mario Ama Tuki (diretor das coleções do Museu
Antropológico Pai Sebastian Englert)

Katia Fersing (etnóloga, diretora do Museu de Millau e dos
Grands Causses)

**13h45-14h45 – A esqueleto das imagens: vestígios de um
museu anacrônico no fim do mundo**

Danilo Petrovitch (antropólogo, MUCAM)

Miguel Caceres (diretor do Museu de História Natural de
Rio Seco)

**14h45-15h45 – Dialogar com as potências elementares:
tecer saberes indígenas, ciências e artes**

Cristine Takuá (coordenadora do movimento indígena das
Escolas Vivas)

Anna Dantes (diretora da Associação Selvagem e da Dantes
Editora)

**16h-17h – Os jardins Albert Kahn: habitar a Terra entre
as guerras**

Gregory Quenet (historiador ambiental, Universidade de
Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines)

17h30 – Encerramento dos encontros por Nastassja Martin

CINÉMA LE LOUXOR

Cinéma Le Louxor
170 Bd de Magenta, 75010
Paris

Inscrição

12 de setembro de 2026

PARA AQUELES QUE FORAM DEVORADOS PELAS
CIDADES DOURADAS

19h - 21h

Noite de encerramento dos encontros

Habitabilidade da Terra

Evento gratuito com inscrição

Os encontros *Habitabilidade da Terra e Transições Justas* associam-se a [KADIST](#) e a [AFIELD](#) para uma noite de encerramento no cinema Le Louxor (10º arrondissement de Paris), com a presença de Nastassja Martin e de integrantes da associação [SELVAGEM](#) (Anna Dantes, Carlos Papá e Cristina Takuá). Uma seleção de filmes da [coleção KADIST](#) e do programa as [Flechas Selvagem](#), exibidas em diálogo com os artistas, dá continuidade às trocas e reflexões abertas ao longo desses três dias. Momento seguido de confraternização e celebração.

LA GRAVE

13 -18 de setembro de 2026

UM REFÚGIO PARA O PENSAMENTO

Residência de pesquisa e criação no refúgio Chancel

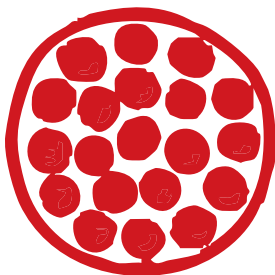
Com nossos convidados e convidadas, nos hospedaremos durante uma semana aos pés da montanha Meije e da geleira da Girose. Trata-se, em primeiro lugar, de experimentar relações encarnadas com a alta montanha, a geleira e os animais e plantas que a habitam; em seguida, tentaremos traduzir, em diferentes línguas e formas (oral, textual, musical e/ou plástica), as maneiras pelas quais as entidades das grandes altitudes ressoam com as memórias situadas, íntimas e coletivas, de cada participante. Trabalharemos os espaços oníricos e políticos inesperados que os vínculos criados entre mundos distantes permitem abrir.

Os habitantes da região do cantão de La Grave serão convidados diariamente a se juntar conosco para trocar experiências e conversar. A pluralidade dos modos de vida (criação de animais, agricultura, caça, turismo, alpinismo etc.) presentes no cantão se tornará o espaço de elaboração de um diálogo multicósmológico. Investigaremos as maneiras específicas e/ou transversais pelas quais somos atravessados pelas potências elementares que compõem nossos mundos.

18 de setembro de 2026

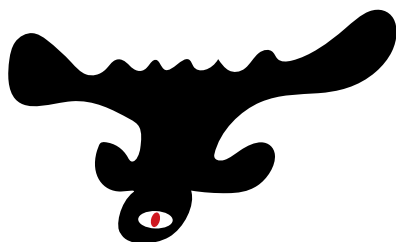
17h

Proporemos uma apresentação pública do trabalho realizado no refúgio, na praça pública de Villar d'Arène, no âmbito das jornadas do patrimônio da comuna e da abertura do pequeno festival de Villar d'Arène.





CONVIDADOS



ALIZÉ LACOSTE JEANSON é bioantropóloga e arqueotanátopóloga, especializada em biomecânica do esqueleto. Suas pesquisas em arqueotanátopologia se concentram, entre outros temas, no estudo das práticas funerárias na antiga área maia, em particular na análise de sepultamentos contendo objetos associados à produção têxtil, como agulhas, fusaiolas (malacates) e outros artefatos relacionados à fiação e à tecelagem. A integração desses dados com a análise biomecânica e osteológica permite-lhe explorar as relações entre atividades técnicas, identidade social e suas consequências sobre o esqueleto. Seu trabalho contribui tanto para o desenvolvimento metodológico da disciplina quanto para uma releitura das antigas sociedades maias, com um compromisso ético com a reapropriação e a ressignificação da história dos povos indígenas.

ANNA DANTES fundou a Dantes Editora em 1994 e, desde 2018, é diretora e cofundadora da associação Selvagem. Seu trabalho amplia sua experiência no campo editorial para formatos que vão além do livro, desdobrando-se em ciclos de estudos, exposições, encontros, jardins e muitos outros dispositivos de criação e transmissão.

Em colaboração com o povo Huni Kuĩ, no estado do Acre, concebeu o projeto *Una Shubu Hiwea*, o Livro Escola Viva, que deu origem ao movimento Escolas Vivas, dedicado ao apoio e à transmissão dos saberes indígenas.

Entre outros projetos, Anna também escreveu e dirigiu as *Flechas Selvagem*, uma série de sete filmes que projeta o universo do Selvagem para a linguagem audiovisual.

BARBARA GLOWCZEWSKI é antropóloga, diretora de pesquisa emérita do CNRS ([Centro Nacional de Pesquisa Científica](#)) e integrante do Laboratório de Antropologia Social. Desde 1979, trabalha

com povos aborígenes da Austrália em torno de seus rituais, artes e lutas por justiça social e ambiental. Ela faz ressoar as solidariedades entre os povos indígenas e as mobilizações pela defesa das terras na França. É autora de cerca de vários livros – entre eles *Rêves en colère* [Sonhos em cólera] (Plon/Terre Humaine), *Réveiller les esprits de la terre* [Acordar os espíritos da terra] (Dehors), *Indigenising Anthropology with Guattari and Deleuze* [Indigenizando antropologia com Guatarri e Deleuze] (EUP) – e de mais de 150 artigos, incluindo uma contribuição recente com o verbete intitulado “Rêves” [Sonhos], na obra coletiva *Mondes postcapitalistes* [Mundos pós-capitalistas].

CARLOS PAPÁ MIRIM POTY é artista, cineasta e guia espiritual de sua comunidade. Há mais de 25 anos, atua no campo do audiovisual, realizando documentários, filmes e oficinas culturais voltadas para a juventude. Foi representante da Comissão *Guarani Yvy Rupa* de 2019 a 2022. É fundador do Instituto Maracá e membro do Conselho Aty Mirim do Museu das Culturas Indígenas de São Paulo. Colaborador da Associação Selvagem, coordena a *Escola Viva Guarani, Arandu Porã*. Vive na Terra Indígena Rio Silveira, no estado de São Paulo, com sua companheira Cristine Takuá e seus filhos, Djeguaká e Kauê.

CRISTINE TAKUÁ, do povo *Maxakali*, é pensadora, aprendiz de parteira e educadora. Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), lecionou durante doze anos na Escola Pública Indígena *Txeru Ba'e Kuai*. Atualmente, é coordenadora do movimento Escolas Vivas e membro do conselho da Associação Selvagem. Cristine Takuá é representante do NEI (Núcleo de Educação Indígena) junto à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e membro fundadora do FAPISP (Fórum de Articulação dos Professores Indígenas do Estado de São Paulo). Também

integra o Instituto Maracá, responsável pela gestão compartilhada do Museu das Culturas Indígenas de São Paulo. Vive na Terra Indígena Rio Silveira, no estado de São Paulo, com seu companheiro Carlos Papá e seus filhos, Djeguaká e Kauê.

DANILO FRANCISCO PETROVICH JORQUERA é antropólogo social, curador e pesquisador na área do audiovisual. Atualmente, é doutorando em Filosofia, com especialização em Estética, na Universidade do Chile. Suas pesquisas situam-se na interseção entre antropologia, cultura visual, patrimônio, memória e práticas documentais. Dirige o Museo Campesino en Movimiento [Museu Camponês em Movimento] (MUCAM) e é responsável pelos projetos de arquivo e memória do Museu de História Natural de Río Seco. Participou de diversos projetos de pesquisa financiados por ANID e por Fondecyt, voltados para o patrimônio cultural, a materialidade, a memória e as transformações territoriais. Como diretor e pesquisador, produziu documentários, arquivos sonoros e projetos etnográficos dedicados às culturas rurais, às tradições musicais e às comunidades austrais, entre eles *Sentido y Memoria: 5 cantores a lo poeta*, *Cantos de Trabajo de Chile*, *De la Cordillera Vengo* e a antologia fonográfica *To All the Images in the World* (Mississippi Records, 2023). Atualmente, é pesquisador e curador da exposição *Le Retour de l'inoubliable : Archives Kawésqar* [O Retorno do Inesquecível: Arquivos Kawésqar], na qual desenvolve pesquisas sobre arquivos, imagens, memória e modos de habitar o extremo sul das Américas.

GAËLLA LOISEAU é antropóloga. Há muitos anos, trabalha junto a populações nômades, como mediadora departamental entre comunidades viajantes e os poderes públicos no departamento de Hérault. No âmbito de seu doutorado, realizou o webdocumentário *Des Aires. Vivre en habitat mobile* [Dos ares. Vivendo em

habitat nômade] (www.desaires.fr), que permite compreender os mecanismos estruturais de marginalização dessas populações na sociedade francesa contemporânea. Partindo de uma abordagem interacionista e materialista do modo de vida em habitações nômades, suas pesquisas a levaram posteriormente a investigar questões de justiça ambiental e as relações com os seres vivos desenvolvidas pelas populações ciganas e viajantes, que pôde, entre outros trabalhos, destacar na exposição *Trajectoires gitanes dans l'agriculture. Mémoire et transmissions familiales* [Trajetórias ciganas na agricultura. Memória e transmissões familiares] e no webdocumentário *Mémoires agricoles gitanes* [Memórias agrícolas ciganas] (www.memoiresgitanes.fr).

Diretora da revista *Études Tsiganes* desde 2022, ela prossegue atualmente suas pesquisas sobre mobilidade no trabalho, investigando técnicos de manutenção do setor eólico no âmbito da Cátedra *Habitabilidade da Terra e Transições Justas*, dirigida por Nastassja Martin no Instituto de Ciências Jurídicas e Filosóficas da Sorbonne (ISJPS, Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne e CNRS).

GREGORY QUENET é historiador ambiental e professor na Universidade de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (Paris-Saclay). É codiretor do Departamento de Pesquisa em Humanidades Ambientais do Collège des Bernardins, criado em 2024. Foi titular da Cátedra *Laudato si', pour une nouvelle exploration de la Terre* [Laudato si', para uma nova exploração da Terra], do Collège des Bernardins, de 2021 a 2023. Suas abordagens o levaram a desenvolver múltiplas colaborações, entre passado, presente e futuro, e entre as ciências sociais e as ciências naturais. Durante seu doutorado, trabalhou em estreita colaboração com sismólogos especializados no dimensionamento de usinas nucleares. Foi membro do Comitê Francês do Patrimônio Mundial e especialista sobre o Maae de Taputapuatea, inscrito na Lista do Patrimônio Mundial da Unes-

co já em sua primeira candidatura. Na Universidade Paris-Saclay, aproximou-se dos trabalhos de climatologistas e ecólogos. Foi aluno-ouvinte da 13ª turma do Instituto de Altos Estudos da Empresa (IHEE). Seu livro mais recente, *Histoire de la pensée écologique* [História do pensamento ecológico], foi publicado pelas Presses universitaires de France, em maio de 2025.

JÉRÔME GAILLARDET é professor do Instituto de Física do Globo de Paris e membro do Instituto Universitário da França. Geoquímico, que recebeu a Medalha de Prata do CNRS em 2018, desenvolve pesquisas que permitem explorar o ciclo biogeoquímico dos elementos químicos na superfície da Terra e sua evolução ao longo do tempo ou no Antropoceno. É um dos responsáveis pela infraestrutura nacional de pesquisa OZCAR (Observatoires de la zone critique : applications et recherche [Observatórios da Zona Crítica: aplicações e pesquisa]), que reúne observatórios permanentes na zona crítica da Terra. Em 2023, publicou *La Terre habitable – ou l'épopée de la zone critique* [A Terra habitável – ou a epopeia da zona crítica], pelas Éditions La Découverte.

KATIA FERSING é doutora em Antropologia. Há mais de vinte anos, desenvolve, em contextos institucionais e de associações, projetos de pesquisa aplicada situados na interseção entre arte e antropologia, em torno das memórias orais (edição de livros infantis e outras obras nas regiões de Causses e da Andaluzia, montagem de exposições polimorfas que misturam artes visuais e plásticas, realização de filmes documentários, contação de histórias, criação de um espaço de uso compartilhado voltado para os patrimônios de Roquefort etc.).

Desde 2021, dirige o Museu de Millau e dos Grands Causses e o sítio arqueológico de La Graufesenque (MUMIG), onde vem tecendo, passo a passo, uma relação singular com as coleções

patrimoniais. Guardiões de nossas memórias, os museus devem estar ancorados no tempo presente, a fim de abrir espaços de discussão e experimentação que possam ser mobilizados por todas as pessoas. Devem constituir um reservatório de ferramentas e chaves de compreensão que coloquem em diálogo as disciplinas, as temporalidades, os coletivos humanos e não humanos, a preservação de formas conhecidas e as possibilidades de metamorfose. Mais do que espaços de conservação e valorização, as instituições patrimoniais tornam-se, então, lugares de conversação, onde objetos, narrativas e transformações ecossistêmicas reintegram, em um mesmo movimento, o centro da museografia, dos projetos e da programação cultural, fazendo emergir uma poderosa constelação capaz de revitalizar o imaginário político de que tanto precisamos para construir, juntos, um futuro desejável e com entusiasmo.

MARIO AMAHIRO TUKI é artista, ativista e museólogo indígena, originário de **Rapa Nui**. Conhecida por suas esculturas megalíticas, construções pré-históricas feitas com grandes blocos de pedra, chamadas **moais**, a Ilha de Páscoa, como é chamada no Ocidente, oferece um caso único de habitabilidade no planeta, tanto por seu isolamento quanto em relação ao nível de desenvolvimento alcançado por seus antigos habitantes. Considerada uma civilização insular, a ilha foi frequentemente objeto de diversas teorias acadêmicas sobre o povoamento humano e sua interação com o meio ambiente. Os descendentes dos antigos polinésios vivem ali hoje, com resiliência. Atualmente, Mario é responsável pelas coleções do Museu de Rapa Nui (Museu Antropológico Padre Sebastian Englert, ou MAPSE). Desde muito jovem, interessou-se pelas artes, inspirado pelo exemplo de sua família, com figuras renominadas da escultura e da música indígenas. Atualmente, dirige o **Amahiro**, um grupo de música contemporânea **rapa nui**, que tem

20 anos de existência, é muito reconhecido em sua comunidade e tem ampla experiência nos palcos nacionais e internacionais.

Paralelamente às suas atividades profissionais, Mario atua ativamente na defesa dos direitos dos povos indígenas de sua comunidade. Há anos, defende seu direito à autodeterminação, especialmente no que diz respeito ao repatriamento de restos ancestrais, ao acesso às coleções museológicas e à profissionalização da música tradicional *rapa nui*.

MARTINE DROZDZ é geógrafa, pesquisadora do CNRS e integrante do centro de humanidades e ciências sociais de Oxford, a Maison Française. Suas pesquisas tratam das transformações dos territórios urbanos e das condições de habitabilidade desses locais de vida. No âmbito da cátedra *Ville métabolisme* [Cidade metabolismo], contribui para um programa de pesquisa interdisciplinar dedicado aos saberes, aos conhecimentos e aos imaginários mobilizados nas práticas de adaptação urbana.

MAYA LEROY é professora e pesquisadora em ciências da gestão na AgroParisTech, onde é responsável pelo grupo de formação e pesquisa Gestão Ambiental dos Ecossistemas e Florestas Tropicais e dirige o mestrado que leva o mesmo nome. Também é uma das coordenadoras do grupo “Altermanagement, Mondialisation et Écologie” [Altermanagement, mundialização e ecologia] da Equipe de Pesquisa sobre a Empresa e a Indústria da Universidade Montpellier I. Anteriormente, foi consultora da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) por mais de dez anos e professora na École Nationale du Génie Rural, des Eaux et des Forêts e no Centre National d’Études des Régions Chaudes. Sua atuação docente e sua pesquisa concentram-se nas questões de gestão ambiental no âmbito da cooperação pública para o desenvolvimento. Maya Leroy é coautora, com Florence

Palpacuer e Gérald Naro, do livro *Management, mondialisation, écologie : regards critiques en sciences de gestion* [Gestão, mundialização, ecologia: perspectivas críticas sobre ciência de gestão], publicado em 2010 pela Hermès Science.

MIGUEL CÁCERES MURRIE é artista visual, museólogo e pesquisador. Graduado em Artes pela Universidade do Chile, atualmente é doutorando em Filosofia, com especialização em Estética e Teoria da Arte. É fundador e diretor do Museu de História Natural de Río Seco (MHNRS), instituição que, desde 2013, se dedica à pesquisa, conservação e valorização do patrimônio natural e cultural da Patagônia e da Terra do Fogo. Seu trabalho situa-se na interseção entre museologia, cultura visual, patrimônio e produção de conhecimentos nos territórios austrais. Desde 2018, dirige um programa de pesquisa dedicado à cultura material e imaterial do povo *Kawésqar*, que deu origem aos projetos *Le Retour de l'inoubliable et Archives Kawésqar* [O Retorno do Inesquecível e Arquivos Kawésqar], do MHNRS, nos quais atua como pesquisador, produtor e curador. Participou de diversos projetos FONDECYT na região de Magallanes e desenvolveu colaborações com pesquisadores internacionais como Dominique Legoupil e Marianne Christensen. Atualmente, suas pesquisas concentram-se nos arquivos, coleções, memória, representações e história visual dos povos canoieiros da Patagônia austral.

SACHA JURDENT é filósofa, formada pela Universidade de Toulouse. Sua pesquisa multi-site [situada em diferentes contextos], fundamentada em uma metodologia etnográfica, aborda as práticas de xamanismo mestiço e as relações com o fogo. Atualmente, é uma das coordenadoras de um projeto de reserva biológica na Sierra Nevada de Santa Marta, na Colômbia, onde desenvolve suas pesquisas sobre as potências elementares.

VERÓNICA CALVO VALENZUELA é doutora pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris. Sua tese abordou o papel do território e da terra nos processos de subjetivação nos Andes do sul da Bolívia. Em 2019, integrou a equipe das oficinas *Où atterrir ?* [Onde pousar?] e se engajou em uma pesquisa interdisciplinar de longo prazo sobre os modos de enraizamento ecológico dos coletivos humanos. Entre 2021 e 2024, as oficinas foram acolhidas pelo Collège des Bernardins, no âmbito de uma cátedra de pesquisa em humanidades ambientais. Ao final desse período, iniciou uma colaboração com pesquisadores da zona crítica com o objetivo de desenvolver um protocolo de investigação antropológica na escala de seus observatórios, especialmente no HYBAM (Observatório de Hidrogeoquímica da Bacia Amazônica), no Brasil e na Bolívia. Titular da cátedra *Habiter aux prismes des limites planétaires* [Habitar pelos prismas dos limites planetários] no Instituto de Estudos Avançados de Nantes, sua pesquisa explora as relações entre dinâmicas biogeofísicas e formas sociais de habitação. Com base nas ciências da zona crítica, propõe enriquecer essa abordagem por meio de uma leitura antropológica das formas de existência coletiva.



COORDENAÇÃO

Nastassja Martin

REALIZAÇÃO

Institut des sciences
juridique et
philosophique de la
Sorbonne / ISJPS
[Instituto de ciências
jurídicas e filosóficas
da Sorbonne]
SELVAGEM

IDENTIDADE VISUAL E DESIGN GRÁFICO

Anna Dantes (Selvagem)

PRODUÇÃO

Anne de Malleray;
Madeleine Deschamps (Selvagem);
Delphine Germain (La Grave).

**Com apoio do
Museu Departamental Albert-Kahn**

AGRADECIMENTOS

Grupo de Guias de La Grave;
Equipe ISJPS: Coralie Mavridoglou, Marine Condé,
Mathilde Françaix, Sita Diombera e Sophie Guy;
Le petit festival de Villar d'Arène (o pequeno festival
de Villar d'Arène);
Zoé Dubus.

REALIZAÇÃO :



Institut des sciences
juridique et philosophique
de la Sorbonne



SELVAGEM

PARCEIROS INSTITUCIONAIS :



A F I E L D KADIST

SOBRE

INSTITUTO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E FILOSÓFICAS DA SORBONNE (ISJPS - UMR 8103) é um laboratório de pesquisa que reúne juristas e filósofos. Os pesquisadores, professores e pesquisadores, pesquisadores associados, pós-doutorandos e doutorandos do ISJPS trabalham em conjunto, a partir de suas respectivas especialidades disciplinares, sobre temas estratégicos que estão no centro da nossa sociedade.

Além de sua forte inserção disciplinar, representada por seus cinco centros de pesquisa em direito administrativo, direito constitucional, direito comparado, direito das ciências e das técnicas e filosofia contemporânea, o ISJPS desenvolve uma reflexão transversal, articulada em torno de cinco eixos de pesquisa (democracia, meio ambiente, gênero, responsabilidade social empresarial, dados e inteligência artificial), sobre o futuro das normas e das categorias diante dos desafios do mundo contemporâneo. Tanto no campo do direito quanto no da filosofia, o ISJPS desenvolve programas nacionais e internacionais.

O ISJPS se posiciona atualmente como um laboratório internacional, com diversas cooperações bilaterais e redes do CNRS (Projetos e Redes de Pesquisa Internacionais IRP e IRN) de dimensão geopolítica, e busca promover uma atuação internacional com algumas prioridades: América do Sul (Brasil, Chile), Ásia (Japão), África (República Democrática do Congo, África do Sul), América do Norte (Estados Unidos, Canadá, México) e, naturalmente, Europa (Alemanha, Itália, Bélgica, Grã-Bretanha).

O ISJPS está sob a dupla tutela da Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne e do CNRS.

O MUSEU DEPARTAMENTAL ALBERT-KAHN é dedicado à conservação, difusão e valorização da obra de ALBERT KAHN (1860–1940), banqueiro filantropo e humanista que colocou sua fortuna a serviço do conhecimento, do diálogo entre os povos e as nações e da paz.

Dessa obra multifacetada, o museu conserva coleções únicas: os Arquivos do Planeta (1909–1931), que constituem um inventário fotográfico e cinematográfico da diversidade cultural mundial no primeiro terço do século XX, e um precioso jardim, chamado jardim de cenas paisagísticas, que foi o espaço de vida e inspiração do banqueiro.

Desde abril de 2025, os Arquivos do Planeta integram o registro do Programa Memória do Mundo da UNESCO, testemunhando a importância internacional desse patrimônio documental, mas também o compromisso de seu criador com o multilateralismo e as instituições internacionais.

Essas coleções, que permaneceram relativamente desconhecidas ao longo do século passado, estão agora abertas a um público mais amplo, no próprio local onde foram criadas, a propriedade de Albert Kahn em Boulogne-Billancourt.

Hoje, a identidade do museu, apoiada na singularidade e na riqueza desse projeto excepcional, deseja ser plural: um museu de imagens voltado para as questões da sociedade, profundamente ancorado em um lugar que coloca o mundo ao alcance das mãos.

SELVAGEM é uma organização não governamental brasileira que reúne um ciclo de estudos sobre a vida, o movimento indígena das Escolas Vivas e uma rede colaborativa dedicada aos aprendizados e às traduções entre mundos.

Desde 2018, Selvagem dedica-se a estudar, compartilhar, registrar e apoiar saberes indígenas, compondo diálogos entre ciências, artes e diferentes formas de conhecimento.

Tudo que a Selvagem cria é disponibilizado gratuitamente. As pesquisas do Selvagem se desdobram em cadernos, produções audiovisuais, oficinas, conversas, encontros e exposições. As ações do Selvagem têm como objetivo apoiar as Escolas Vivas, projetos indígenas de transmissão dos saberes tradicionais. A organização oferece um apoio mensal de € 1.700 a cada uma das escolas e desenvolve com elas iniciativas em conjunto.

Todo esse movimento contribui para imaginar outros caminhos educativos e outras maneiras de habitar o mundo, fundamentadas na regeneração, e não na destruição. Por meio dessas ações, Selvagem tece uma constelação composta por uma diversidade de vozes, saberes e territórios, cultivando a continuidade e o aprofundamento das relações. Selvagem também se apoia nas obras publicadas pela Dantes Editora para aprofundar algumas das temáticas abordadas em suas pesquisas. Para tornar esse trabalho possível, a rede colaborativa do Selvagem reúne também diversos apoiadores filantrópicos e parceiros institucionais.

KADIST é uma organização de arte contemporânea sem fins lucrativos, para a qual a arte é um motor de transformação social. Por meio de uma coleção de 2.500 obras de artistas de mais de 120 países, a KADIST incentiva o engajamento dos artistas e reitera o lugar necessário da arte contemporânea no centro dos debates da sociedade. Com sede em Paris e uma equipe, além de conselheiros e conselheiras distribuídos por cinco continentes, a organização desenvolve exposições, residências e programas presenciais e on-line, em colaboração com instituições internacionais, favorecendo novas conexões entre as culturas e um diálogo aberto sobre a arte contemporânea e a sociedade.

AFIELD é uma rede internacional de agentes de transformação cultural, movida por uma convicção fundamental: os artistas são forças essenciais de nossas sociedades, enquanto pensadores e visionários. Ao lhes proporcionar acesso aos recursos e ao acompanhamento de que necessitam, a AFIELD reafirma sua confiança em seu poder de promover transformações profundas, em benefício tanto de suas comunidades quanto da sociedade como um todo.

